



Da tese ao livro:
como pesquisas
são transformadas
em publicações?

- + Orientações para reescrever trabalhos acadêmicos em formato de livro, por Tagiane Mai
- + Divulgação científica e vozes afrodiaspóricas no mercado editorial: uma entrevista com Ynaê Lopes dos Santos
- + Resenha de *O mal-estar na escrita acadêmica*, de Robson Cruz, por Evandro Oliveira Reis Júnior

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Lavínia Rosa Rodrigues

Reitora

Thiago Torres Costa Pereira

Vice-reitor

Raoni Bonato da Rocha

Chefe de Gabinete

Sílvia Cunha Capanema

Pró-reitora de Planejamento, Gestão e Finanças

Vanesca Korasaki

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Patrícia Maria Caetano de Araújo

Pró-reitora de Graduação

Moacyr Laterza Filho

Pró-reitor de Extensão

Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (EdUEMG)

Conselho Editorial

Thiago Torres Costa Pereira | UEMG

Amanda Tolomelli Brescia | UEMG

Ana Elisa Ribeiro | CEFET-MG

Fuad Kyrillos Neto | UFSJ

Matheus Tymburibá Elian | UFMG

Moacir Henrique Júnior | UEMG

Ynaê Lopes dos Santos | UFF

Thiago Torres Costa Pereira

Editor-chefe

Gabriella Nair Noronha

Coordenadora administrativa e editorial

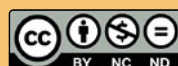
Expediente

Abraão Filipe Oliveira, Amanda Rabelo Chaves,
Antônio de Andrade, Caroliny Procopio Lima,
Laura Costa Machado, Sofia Carvalho
e Trindade Monografias & Edições

Revisão

Thales Santos

Projeto gráfico e diagramação



Todo o conteúdo desta publicação, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença pública Creative Commons 4.0 Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações. Direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Editora afiliada:

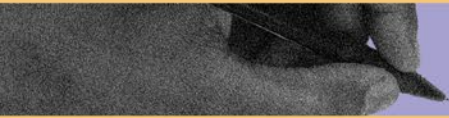


Apoio:



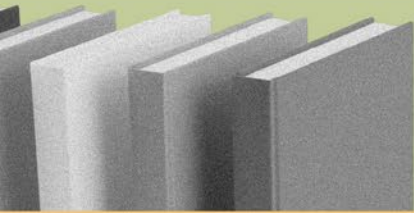
Esta revista possui *hiperlinks* em endereços eletrônicos para acesso de conteúdo adicional, como referências ou publicações *on-line*, além de *links* no sumário e títulos, que levam diretamente para a seção correspondente.

na edição:



Editorial

04



**A importante função do livro acadêmico
e das editoras universitárias**

Por Antônio de Andrade, Gabriella Nair Noronha
e Abraão Filipe Oliveira

06



**Reescrevendo o saber: como transformar
trabalhos acadêmicos em livros**

Por Tagiane Mai

08



**Por uma ciência qualificada e antirracista
para além dos muros da academia**

Entrevista com Ynaê Lopes dos Santos

14



**Quando escrever vira um fardo – e como
desembaraçá-lo: resenha do livro *O mal-estar
na escrita acadêmica*, de Robson Cruz**

Por Evandro Oliveira Reis Júnior

22



**5 obras para te ajudar a transformar sua
dissertação ou tese em livro acadêmico**

26



Estação Editora UEMG no Saber em Movimento

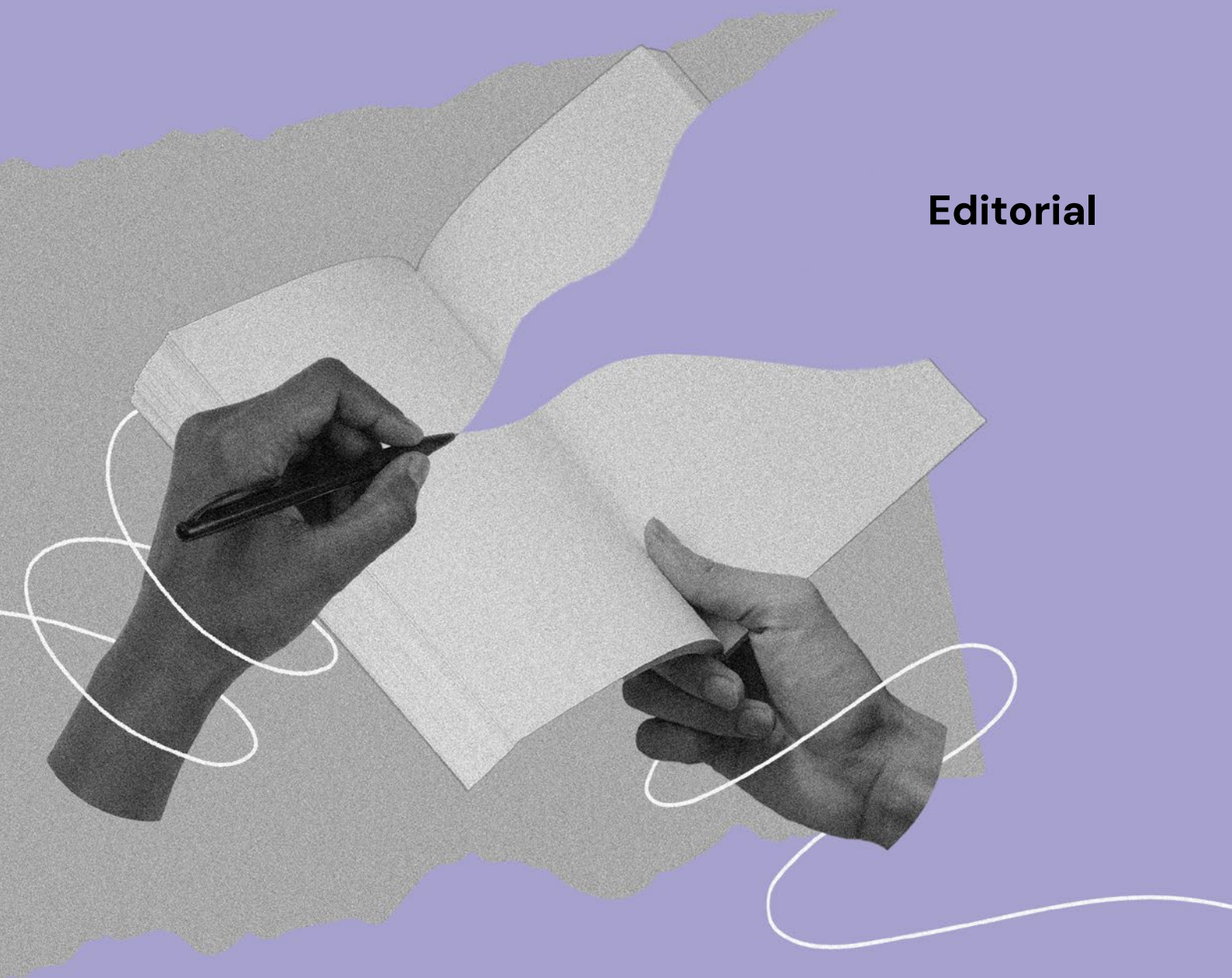
29



**A segunda edição da Feira do livro de acesso
aberto segue construindo pontes**

30

Editorial



A revista *na edição* nasceu no contexto de celebração aos 15 anos da Editora UEMG (EduEMG) e em meio às reflexões sobre o impacto das transformações digitais no universo editorial – tema da primeira publicação. Nosso propósito era expandir as perspectivas sobre a divulgação científica, lançando um veículo que debate e difunde o trabalho realizado pela Editora e pelos pesquisadores parceiros.

Seguindo na mesma direção, agora, mergulhamos nos processos que envolvem o caminho “da tese ao livro”: como pesquisas e estudos acadêmicos podem ser transformados em livros? Por que esse gesto é tão importante para a divulgação científica? Como fazê-lo? Quais cuidados envolve? Como os autores podem dar maior assertividade ao texto?

É em torno de tais questões que preparamos este número da *na edição*.

Nele, apresentamos o artigo “Reescrevendo o saber: como transformar trabalhos acadêmicos em livros”, assinado por Tagiane Mai, doutoranda em Edição de Texto e profissional responsável pela preparação e revisão das obras da Editora da Universidade Federal de Santa Maria (Editora da UFSM). No texto, ela conta um pouco sobre as circunstâncias que inspiraram a elaboração do manual *Como transformar trabalhos acadêmicos em livros*, publicado em 2024 pela Editora da UFSM, e dá dicas preciosas sobre como pesquisadores podem realizar, com êxito, esse percurso.

Também publicamos uma entrevista realizada com a professora e pesquisadora Dr^a. Ynaê Lopes dos Santos, referência nos estudos sobre a história da escravidão e das relações raciais nas Américas e conselheira editorial da EduEMG. A historiadora compartilha *insights* interessantes sobre a importância da circulação das pesquisas realizadas nas universidades e os caminhos para a promoção das vozes afro-diaspóricas no mercado editorial.

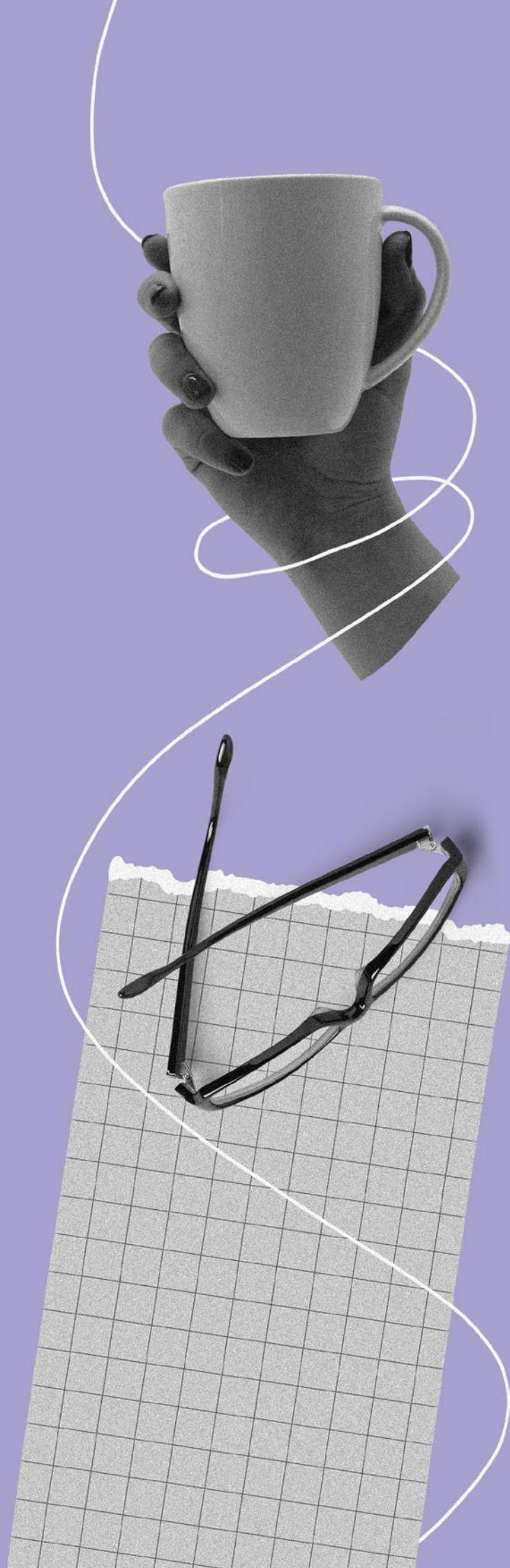
Além disso, o mestre em Estudos Linguísticos Evandro Oliveira Reis Júnior colabora com uma resenha de *O mal-estar na escrita acadêmica: um problema político* (Parábola Editorial, 2024), livro escrito por Robson Cruz. Evandro apresenta suas reflexões sobre o ato de escrever textos acadêmicos a partir de algumas das discussões que norteiam a obra analisada, como as influências do romantismo, do realismo e do bovarismo na escrita acadêmica.

Nesta edição, trazemos, ainda, um texto sobre a importância das editoras universitárias (postado originalmente em nosso blog e adaptado para a revista); quatro dicas de obras do nosso catálogo que envolvem o debate étnico-racial, além das indicadas pela professora Ynaê; e uma matéria sobre a 2^a Feira do livro de acesso aberto, realizada em outubro de 2024.

A publicação deste número da revista *na edição* consagra a continuidade do projeto e evidencia o nosso compromisso com a expansão da divulgação científica em nosso país por meio dos aprendizados e do trabalho da EduEMG. Esperamos que as reflexões sejam pertinentes para todas as pessoas que desejam aprender mais sobre o tema, agregando práticas de democratização do conhecimento em suas trajetórias. E, é claro, temos esperança de voltarmos no próximo ano, com mais uma edição informativa e relevante para nossos colegas pesquisadores e para o público em geral.

Boa leitura!

Equipe da Editora UEMG





A importante função do livro acadêmico e das editoras universitárias

*Por Antônio de Andrade,
Gabriella Nair Noronha
e Abraão Filipe Oliveira*

No Brasil, são as universidades, especialmente as públicas, as maiores responsáveis pelo incentivo e pelo avanço das pesquisas acadêmicas. No processo de comunicação científica, elas também são importantes produtoras de publicações e, para isso, é comum que mantenham editoras próprias. Especialmente nas humanidades, valoriza-se que os pesquisadores publiquem os resultados de suas investigações em formato de livros, que podem ser organizados de diversas formas (monográficos, coletâneas, textos críticos, didáticos, antologias, livros de escrita criativa, obras publicadas como parte da prática artística, performances etc.), embora artigos em periódicos também sejam importantes.

As editoras universitárias exercem, portanto, uma função primordial na produção e disseminação de livros que divulgam os resultados de pesquisas científicas, de ações de extensão e de atividades de ensino, sendo parte indispensável do processo de “fazer ciência”, que depende da troca e do aprofundamento dos saberes. Tais obras têm o objetivo de promover o debate sobre a ciência tanto entre pares quanto para um público mais amplo (que não necessariamente é estudioso daquele campo do conhecimento em questão), em

ao rigoroso processo de seleção das obras publicadas por editoras universitárias, que conta com a participação de especialistas das respectivas áreas nas quais as obras se inserem, responsáveis por apontar pontos de maior fragilidade que merecem um aprimoramento por parte dos autores. Tudo isso tendo como objetivo que as publicações tenham excelência acadêmica e editorial.

Contudo, essa prática só se faz possível na medida em que as editoras universitárias vivenciam uma realidade que contrasta com a de editoras comerciais, principalmente tendo em vista que se prioriza o retorno acadêmico das obras publicadas, e não o retorno financeiro. Nesse sentido, destacam-se também particularidades como a composição de equipes que se especializam e observam especificidades da edição acadêmica, a busca por inovação e melhoramento constante das técnicas, práticas e processos editoriais, a criação de conselhos editoriais, a instituição de políticas editoriais que preveem a relevância social e científica das publicações, a promoção do diálogo entre pares e instituições e o compromisso ético de imparcialidade na seleção das obras a serem publicadas, em respeito ao interesse público, com observância a aspectos como pertinência, qualidade e democratização do acesso às publicações.

Mas, para além dessa função, as editoras universitárias também contribuem ativamente para a formação dos autores, atuando como um canal para o aprimoramento da qualidade da escrita. Isso acontece, sobretudo, devido

Logo, podemos dizer que nas instituições de ensino superior, especialmente as públicas, as editoras universitárias constituem um pilar que

ajuda a sustentar seus projetos acadêmicos, educativos e culturais e a preservar o seu patrimônio intelectual e cultural, promovendo ainda o intercâmbio de informações com a sociedade e com outras instituições produtoras de conhecimento.

No que diz respeito ao Brasil, há de se mencionar, ainda, o papel estratégico desempenhado pelas editoras universitárias afastadas dos grandes e tradicionais centros de produção do conhecimento. Nesses casos, as editoras ainda assumem a responsabilidade de publicar e promover a circulação de conhecimentos relacionados a problemáticas regionais, fornecendo bases importantes para debates no nível local, para o provimento de informações qualificadas às comunidades envolvidas e para a elaboração de políticas públicas que concernem a contextos muito singulares, mas nem por isso menos importantes.

Portanto, o trabalho de edição acadêmica implica a construção de uma ecologia complexa que abrange uma ampla gama de agentes envolvidos nos seus mais diversos processos – que ultrapassam, inclusive, os limites do trabalho estritamente editorial, envolvendo também pesquisa, divulgação, comunicação e gestão –, distinguindo-se de outros campos da edição e carregando, intrinsecamente, um valor simbólico. Trata-se, então, de princípios que não são tão facilmente observados nas práticas de editoras comerciais.

Desse modo, não apenas os autores são beneficiados – considerando que, além do aprimoramento mencionado, muitas vezes o fator mercadológico inviabiliza a publicação de diversas obras científicas por editoras comerciais –, mas também as instituições de ensino e pesquisa e os leitores, que têm à sua disposição obras de excelência para embasar o seu aprendizado e as suas próprias pesquisas, e a própria sociedade e as comunidades em suas dinâmicas e

problemáticas regionais, que podem se amparar nos livros e publicações para corroborar suas reivindicações e orientar políticas públicas.

Em nosso país, também é prática frequente que essas instituições disponibilizem gratuitamente ao público parte ou a integralidade de seu catálogo em formato digital. Nesse sentido, os e-books de acesso aberto são uma das formas mais democráticas de publicação e socialização do conhecimento produzido nas nossas instituições de ensino e pesquisa. Por isso, podemos afirmar que as editoras universitárias atuam em consonância direta com o interesse público e se constituem como setores estratégicos para a disseminação do conhecimento.

Porém, o fato é que as editoras ainda enfrentam muitos desafios que envolvem distribuição dos materiais editados, sustentabilidade financeira, equipes reduzidas e altas demandas por publicação. Ainda assim, garantir o “livro aberto” é um compromisso abraçado por grande parte do grupo que constitui o setor editorial acadêmico e científico, do qual a EduEMG é integrante.

Em meio a esse cenário, é preciso ter criatividade para editar publicações interessantes e diversificadas, conseguir investimentos em formações transversais, capacitar as equipes, estreitar a relação com os pesquisadores e promover alternativas para alcançar os leitores existentes e buscar novos públicos, entre outras saídas. Logo, as editoras universitárias, sobretudo as que trabalham com a publicação de livros de acesso aberto, têm um papel fundamental no cultivo de um público leitor crítico e no estreitamento do abismo entre a sociedade e a produção científica.

**Este texto é uma adaptação de um artigo publicado em nosso blog, em 2024. Para conferir os textos, acesse: editora.uemg.br/quem-somos/blog.*



Reescrevendo o saber: como transformar trabalhos acadêmicos em livros

Por Tagiane Mai



Em uma editora universitária, é comum recebermos recém-doutores que chegam entusiasmados com a possibilidade de publicar a sua tese em formato de livro. A nós, profissionais do texto, cabe a tarefa de orientá-los sobre como preparar o arquivo para realizar a submissão. Quando isso acontecia na Editora da Universidade Federal de Santa Maria (Editora da UFSM), havia sempre uma quebra de expectativa – e essa frustração ficava estampada no rosto dos futuros autores – assim que eles eram informados de que não poderiam encaminhar o texto exatamente como foi defendido perante a sua banca de doutoramento.

Fui percebendo que esse processo de atendimento aos autores demandava mais do que uma simples orientação sobre os procedimentos práticos para a transformação de uma tese em livro – incluindo-se aqui tudo o que o termo “transformação” pode significar. Demandava também uma sensibilização sobre o funcionamento desses diferentes formatos, mostrando-lhes quais estratégias linguísticas seriam mais adequadas para atingir o público que tinham em vista alcançar e os objetivos que desejavam concretizar. Às vezes, esses objetivos e esse público-alvo ainda não estavam suficientemente claros, e a tarefa passava



também por fazê-los visualizar concretamente tais aspectos, a fim de que pudessem retrabalhar o texto a partir de um norte bem definido.

É a partir desse contexto que surge o guia *Como transformar trabalhos acadêmicos em livros*. A ideia inicial era ampliar um pequeno manual que já utilizávamos na nossa Editora, incluindo orientações de cunho mais instrutivo sobre gêneros discursivos, posicionamento autoral, público-alvo e divulgação da ciência. E aqui é interessante observar o caminho que percorremos e o ciclo que completamos até chegar a esse resultado final: partimos do clássico *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco, para falar brevemente sobre o funcionamento do método científico e sobre a produção de textos dentro

da universidade, e chegamos ao *Guia de divulgação científica da UFSM*, que justamente se situa na outra ponta desse processo, ao se preocupar com a democratização do conhecimento científico e com a legitimidade da Universidade junto à sociedade.

Destaco também outra referência que nos foi importante nesse percurso, especialmente pela importância que sempre concedeu à disseminação dos saberes científicos: Albert Einstein. O físico é amplamente conhecido pela sua Teoria da Relatividade, mas o que poucos sabem é que ele também se preocupava em tornar suas ideias compreensíveis pelo público não especializado. Daí ter escrito ensaios e artigos de divulgação, concedido entrevistas e proferido palestras ao redor do mundo.



O manual *Como transformar trabalhos acadêmicos em livros* foi lançado em 2024, pela Editora UFSM, e está disponível para acesso e download gratuito em: www.ufsm.br/app/uploads/sites/756/2024/09/Como-transformar-trabalhos-academicos-em-livros.pdf.



O *Guia de divulgação científica da UFSM* é um material de consulta interessante para quem trabalha com textos acadêmicos. Seu objetivo é mostrar que a divulgação representa uma etapa importante do processo de produção da ciência, para além da publicação de artigos em revistas especializadas. Vale a leitura! Acesse e baixe gratuitamente em: repositorio.ufsm.br/handle/1/32561.

Parece-me que a ideia de transformar uma tese em livro é, em essência, a mesma que se encontra latente na resposta de Einstein: dizer de uma forma mais simples, considerando quem é o meu leitor e como posso fazer com que ele me entenda.

É certo que as abstrações físicas e matemáticas são particularmente difíceis para um leigo no assunto, mas Einstein tentava mostrar que a ciência é fascinante e que pode ser compreendida por qualquer “leigo inteligente e judicioso” (Einstein, 1948 *apud* Dukas; Hoffmann, 1984, p. 35), desde que bem explicados os seus pressupostos. Na época em que escrevia o manual, li dois livros dele/sobre ele que me foram inspiradores e me mostraram essa sua veia de divulgador apaixonado pela ciência: *Notas autobiográficas* e *Albert Einstein: o lado humano – Rápidas visões colhidas em seus arquivos*. Encantou-me especialmente uma passagem em que ele, respondendo a uma carta de uma criança, explica o funcionamento do telégrafo e do rádio: “O telégrafo com fio é uma espécie de gato muito, muito comprido. Você puxa o rabo dele em Nova York e ele mia em Los Angeles. Você entendeu? Uma rádio funciona exatamente do mesmo modo: você manda sinais aqui, eles os recebem lá longe. A única diferença é que, agora, não há um gato” (Einstein *apud* Moreira, 1998, p. 4).

Parece-me que a ideia de transformar uma tese em livro é, em essência, a mesma que se encontra latente na resposta de Einstein: dizer de uma forma mais simples, considerando quem é o meu leitor e como posso fazer com que ele me entenda. A fim de atenuar um pouco a angústia de mestres e doutores que neste momento se veem diante da tarefa de preparar o seu manuscrito para o formato livro, reproduzo na sequência algumas das principais orientações do manual.

→ Em primeiro lugar, visualize quem você pretende atingir com o livro, imagine quem será o seu novo destinatário e, a partir daí, determine o caráter da publicação: uma bibliografia básica de disciplina, dirigida a estudantes e docentes de nível superior? Um guia teórico-metodológico, para quem se interessa pela temática e está trilhando o mesmo percurso na pesquisa, por exemplo? Ou então um livro de divulgação científica, que oferecerá uma introdução geral ou um panorama do tema, tendo como audiência um leitor menos erudito?



→ Determinado o novo público-alvo e definido o caráter geral da publicação, proceda a um trabalho de reescrita. Essa tarefa é entendida como uma retextualização, isto é, uma modificação profunda no texto, em função da alteração dos propósitos comunicativos. É importante salientar que esse trabalho não deve ser entendido como resumo ou síntese da tese, mas sim como uma “reformulação geral” (Nogueira; Warley, 2016).

→ Assuma uma nova posição enunciativa: de pesquisador que produziu um trabalho acadêmico a autor que está escrevendo um livro. Lembre-se de que o seu trabalho já foi apreciado – e aprovado – por uma banca; portanto, é hora de se apropriar de suas pesquisas e descobertas, validando-as, destacando a sua pertinência e comunicando-as para um novo público (Laborde-Milaa, 2015). Para tanto, encontre o seu posicionamento autoral na escrita, adotando uma ancoragem mais subjetiva, sobretudo nas seções de introdução/apresentação e conclusão (avale a substituição da pessoa verbal “nós” por “eu” ao longo do livro).

→ Empréstimo ao texto algum nível de emoção e sensibilidade, a fim de torná-lo mais interessante ao leitor. Normalmente, assumir posições, demonstrar segurança na exposição e não hesitar em manifestar críticas, quando pertinentes, motiva o leitor a prosseguir na leitura do livro. Ou seja, valha-se da experiência adquirida a respeito do tema abordado e sinta-se confortável para escrever sobre o assunto que, afinal, você domina – você é uma voz autorizada para tratar desse assunto.

→ Evite se expressar numa linguagem excessivamente especializada ou utilizar um vocabulário puramente técnico e formal, o que pode passar a impressão de uma escrita deliberadamente hermética. Vale lembrar, mais uma vez, o que já nos falou Einstein: o mais sábio é aquele capaz de expressar, de forma simples, as questões mais complexas.



→ Revise a introdução (que pode ser substituída por uma apresentação). A introdução serve como um capítulo geral em que se expõe um resumo do conteúdo e de cada um dos capítulos, bem como o enfoque, o alcance e a finalidade da obra, configurando-se como um texto que convida à leitura. Nessa seção, você pode inclusive explicitar que o livro decorre de uma pesquisa desenvolvida em nível de mestrado, doutorado etc., mencionando rapidamente (i) o quadro teórico-metodológico do trabalho acadêmico que dá origem ao livro, (ii) a reformulação a que esse trabalho foi submetido, (iii) a paixão que o entusiasmou a pesquisar sobre esse tema, (iv) o seu esforço em divulgá-lo agora e (v) o impacto social e/ou acadêmico dessa divulgação.

→ Reveja a distribuição dos capítulos, podendo-se mesmo alterar as subdivisões ou reordenar o texto original. Vale lembrar que parágrafos muito extensos são pouco atrativos ao leitor e podem cansá-lo. De igual modo, subdivisões excessivas (como os níveis hierárquicos quaternários e subsequentes) por vezes se revelam pesadas durante a leitura. Busque, ao longo de todo o texto, um certo equilíbrio textual, alternando trechos de alta densidade informativa com parágrafos de “respiro”, de modo a sustentar a atenção do leitor.

→ Modifique o título. Os títulos das teses costumam ser extensos e ter um caráter mais descritivo, traduzindo com rigor o recorte do objeto e a perspectiva teórico-metodológica da investigação. O livro, diferentemente, deve receber um título claro, direto e objetivo (mais conciso que o da tese) e, principalmente, ter potencial mercadológico. O mesmo vale para subtítulos, partes ou seções ao longo do texto, cuja “dureza” da enunciação acadêmica deve ser substituída por termos mais sugestivos e atrativos para quem lê o livro.



Como se vê, o processo exige construção, reelaboração e compartilhamento do saber. Não é necessário produzir um texto totalmente novo ou inédito em suas formulações, mas é importante oferecer uma leitura inteligível, agradável, acessível. Vale sempre lembrar que, com o livro, estaremos ampliando o impacto do conhecimento construído ao longo de muitos anos dentro da universidade – e financiado, muitas vezes, com dinheiro público – e que, com essa ampliação, estaremos dinamizando a ciência e democratizando o conhecimento.

Talvez o nosso trabalho seja sobretudo mostrar que a linguagem possui funcionamentos diversos e que, quando usada de forma crítica e bem fundamentada, ela se torna uma ferramenta poderosíssima, capaz de promover avanços e gerar mudanças.

Por fim, quero recuperar um aspecto mencionado no início deste ensaio. Talvez nós, os profissionais que lidam diariamente com a palavra escrita, não tenhamos simplesmente a função de ler e revisar um texto, inserindo ou cortando vírgulas, ajustando frases truncadas, padronizando referências bibliográficas, entre outros. Talvez o nosso trabalho seja sobretudo mostrar que a linguagem possui funcionamentos diversos e que, quando usada de forma crítica e bem fundamentada, ela se torna uma ferramenta poderosíssima, capaz de promover avanços e gerar mudanças.

Referências:

DUKAS, H.; HOFFMANN, B. (ed.). *Albert Einstein: o lado humano* – Rápidas visões colhidas em seus arquivos. Tradução de Lucy de Lima Coimbra. Brasília, DF: Editora UnB, 1984.

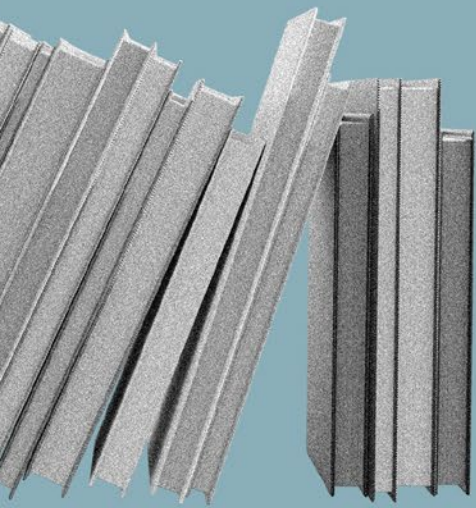
LABORDE-MILAA, I. Autorreformulação e investimento do escritor: resumos e quartas-capas de dissertações de mestrado. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J. A. (org.). *Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 369–399.

MOREIRA, I. de C. Crianças perguntam... Einstein responde. *Ciência Hoje das Crianças*: revista de divulgação científica para crianças, ano 11, n. 80, p. 2–5, maio 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11832/5865>. Acesso em: 6 dez. 2024.

NOGUEIRA, S.; WARLEY, J. *Da tese ao livro: guia para autores e editores*. Tradução de Laetícia Jensen Eble. Brasília, DF: Editora UnB, 2016.

Sobre a autora:

Tagiane Mai é mestre em Edição de Texto pela Universidade NOVA de Lisboa e doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Cefet-MG. Desde 2017, atua como revisora de textos na Editora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde realiza a preparação e a revisão dos livros publicados pela editora e atua na orientação aos alunos bolsistas, no atendimento aos autores e na coordenação da Coleção Textos Introdutórios UFSM. Entre as atividades editoriais desenvolvidas, foi a responsável pela reedição do *Guia do autor* (2023) e pela elaboração do manual *Como transformar trabalhos acadêmicos em livros* (2024), publicados pela Editora UFSM.



Por uma ciência qualificada e antirracista para além dos muros da academia

Entrevista com Ynaê Lopes dos Santos

A entrevistada desta edição é Ynaê Lopes dos Santos, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), professora no Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), autora de diversos livros e também integrante do Conselho Editorial da EduEMG.

A professora – que se define como uma “historiadora pública” – menciona pesquisas realizadas por ela ao longo de sua trajetória e que foram transformadas em livros. Durante a conversa, ela compartilha dicas de como a pesquisa acadêmica pode se tornar cada vez mais democratizada e aberta para incluir os debates étnico-raciais numa postura efetivamente antirracista, além de trazer alertas importantes para refletir sobre a divulgação científica pensando no contexto global atual.

As respostas da entrevista foram gentilmente encaminhadas em formato de áudio pela professora. A transcrição apresentada a seguir procura preservar aspectos da oralidade e a maneira como suas ideias foram articuladas.

A senhora tem livros publicados resultantes das pesquisas que desenvolve. Como enxerga a relevância desse tipo de publicação para a disseminação do conhecimento produzido nas universidades?

Eu considero que a publicação de toda a produção acadêmica tem que ter um tratamento especial por uma série de razões. Primeiro, porque a academia no Brasil é um espaço



privilegiado da produção científica, é uma produção de qualidade, sobretudo quando nós estamos tratando das universidades públicas brasileiras. Então, é fundamental que essas pesquisas, de quaisquer áreas, sejam publicadas.

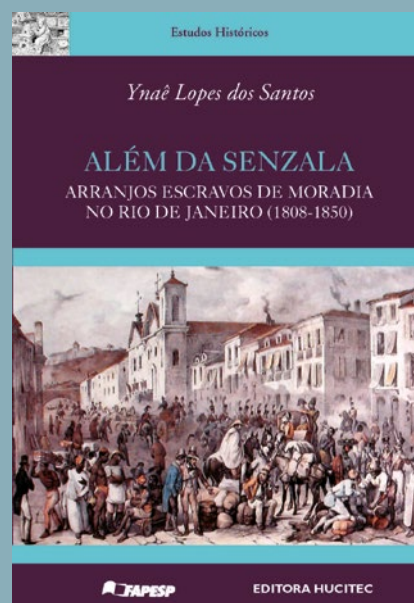
Por outro lado, também espero que estejamos em um caminho de mudança, que haja uma preocupação para que essas publicações não se restrinjam às revistas de alto estrato, mas que possam ser veiculadas ao grande público, de não especialistas. Isso é especialmente importante no momento atual – e eu considero que isso seja cada

vez mais cuidado pelas editoras acadêmicas e universitárias, mas não só –, porque nós estamos vivendo uma espécie de quadratura estranha da história na qual a produção científica e o saber crítico de qualidade têm sido atacados. Uma série de mentiras tem sido promulgada contra a universidade pública. E vimos isso de maneira muito aguda durante a pandemia do coronavírus. Então, eu acredito que, se a gente investir também numa publicação feita dentro da academia, pensada conjuntamente pelas diferentes ciências, pelas diferentes áreas, veiculada a um público mais amplo, nós vamos estar fazendo algo que é uma das funções mais importantes da universidade, que é se aproximar do público. A universidade não tem que ser algo encastelado, com acesso exclusivo para poucos. A universidade tem que se comunicar com a sociedade, porque ela é, sobretudo, universidade pública, presta serviço para a sociedade. Portanto, acredito que o investimento nesse tipo de publicação é fundamental.

Como foi o processo criativo de escrita dos seus livros? E a relação com as editoras? Pode comentar um pouquinho sobre esse processo de transformar suas pesquisas em obras destinadas ao público em geral?

Bom, cada livro tem sua própria história. Meu primeiro livro é fruto da minha pesquisa de mestrado, então ele é muito acadêmico, é basicamente a minha dissertação com algumas modificações sugeridas pela editora Hucitec.

Depois eu escrevi um livro pela Pallas, uma editora especializada em questões raciais. Esse segundo livro é um paradidático, com o objetivo de mostrar que a Lei nº 10.639,¹ na área de história, pode ser implementada em



Além da senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)
Ynaê Lopes dos Santos
(Hucitec, 2010)

qualquer ano do ensino fundamental II ou do ensino médio. Então eu faço uma revisão do currículo brasileiro pensando em pontos com a história africana e com a história negra no Brasil. Foi uma parceria muito bacana com a Pallas, que fez de maneira muito cuidadosa a leitura, as sugestões editoriais e o uso de imagens e gráficos, porque é um livro dedicado, sobretudo, ao universo escolar.

Depois, eu escrevi um livro de trajetória do [médico e psiquiatra] Juliano Moreira, editado pela Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF), que fazia parte de um projeto coletivo sobre biografias do Brasil republicano, coordenado pela professora Marta Abreu e com verba da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Nós produzimos a biografia de sete personagens negros no Brasil República e eu fiz sobre Juliano Moreira, que teve uma escrita que contempla tanto a pesquisa que

1 A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabeleceu as diretrizes e bases para inclusão da obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino de todo o país. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.



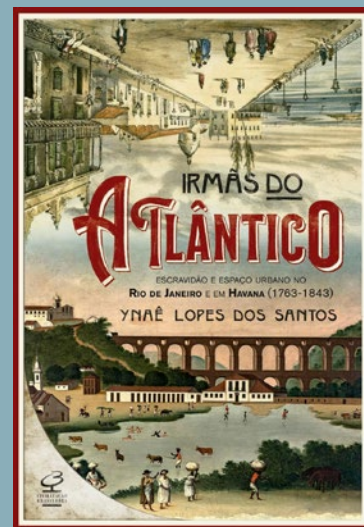
História da África e do Brasil afrodescendente
Ynaê Lopes dos Santos
(Pallas Editora, 2017)



Juliano Moreira: um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira
Ynaê Lopes dos Santos
(EdUFF, 2020)



Racismo brasileiro: uma história da formação do país
Ynaê Lopes dos Santos
(Todavia, 2022)



Irmãs do Atlântico: escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e em Havana (1763-1843)
Ynaê Lopes dos Santos
(Civilização Brasileira, 2025)

realizei nos arquivos do Rio de Janeiro e da Bahia quanto essa destinação a um público mais amplo. São todos livros gratuitos no site da EdUFF.

O penúltimo livro que eu escrevi foi pela Todavia, uma editora que eu conhecia como leitora e tive um insight para escrever a obra Racismo brasileiro. Devido à pandemia da covid-19, o livro demorou um pouco mais para sair, mas acabou que o timing foi bom, porque a publicação saiu justamente na comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil. Além disso, foi um processo um pouco mais difícil. Não só por estar escrevendo sobre um assunto muito duro num momento também muito duro da história do Brasil, mas porque eu tive essa preocupação de criar um livro que, obviamente, ultrapasse os muros da universidade e, também, de tentar criar uma escrita de meio-termo, que fizesse um bom uso sobretudo da historiografia vasta e competente que a gente tem – ainda que falte muita pesquisa sobre questão racial no Brasil republicano, com exceção dos trabalhos do pós-abolição, que são relativamente mais recentes na historiografia brasileira. Então,

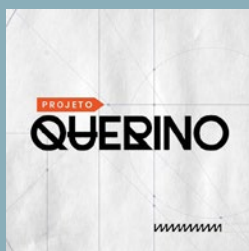
esse foi o meu desafio: fazer um livro que respeitasse a densidade que o debate racial precisa ter, mas que não ficasse encastelado em uma escrita acadêmica.

Por fim, publiquei pela editora Civilização Brasileira, em 2025, o livro Irmãs do Atlântico: escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e em Havana (1763-1843). Fruto da minha pesquisa de doutorado, a obra compara a escravidão urbana naquelas que foram as duas maiores cidades escravistas das Américas.

A senhora colaborou com o premiado podcast Projeto Querino. Além disso, é colunista num grande portal de notícias. Como essas formas de divulgação colaboram para a reflexão, para além da academia, sobre temas importantes?

Eu sou uma historiadora pública. Eu me reconheço como uma historiadora que, assim como tantas outras historiadoras e historiadores brasileiros, está muito preocupada e atuante em questões que dizem respeito ao presente imediato do Brasil. E faço questão

disso. Então, de fato, a consultoria que eu dei para o Projeto Querino, de alguma maneira, ampliou e deu outra reverberação para essa atuação, que é algo que eu acredito ser muito forte inclusive nos livros que eu escrevo.



O **Projeto Querino** é um podcast narrativo jornalístico lançado em 2022. Vencedor do Prêmio Vladimir Herzog em 2023, tem idealização e coordenação de Tiago Rogero; apoio do Instituto Ibirapitanga; consultoria em História de Ynaê Lopes dos Santos e consultoria narrativa de Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, da Rádio Novelo. Está disponível em: projetoquerino.com.br

Como mencionei, tenho cinco livros, e os últimos quatro tinham uma preocupação muito profunda e metodológica em serem escritos para um público mais amplo, sem perder o rigor acadêmico. Em alguma medida, foi isso que eu fiz na consultoria em história para o podcast Projeto Querino, junto com Tiago Rogero e a Rádio Novelo. É essa densidade histórica que também tento trazer para a coluna Negros Trópicos, que eu tenho na Deutsche Welle Brasil [ou DW Brasil]; com um espaço muito mais curto, é claro, e lidando com alguns imediatismos daquilo que surge no cenário brasileiro e mundial sobre as questões raciais, mas sempre tentando trazer um arcabouço histórico mais amplo, tentando puxar a história de alguns eventos, personagens e situações que estão latentes no cotidiano brasileiro. Isso, para mim, é muito importante, porque dialoga com essa dimensão de historiadora pública, de alguém que pensa e atua na universidade também a partir do diálogo com os movimentos sociais, com uma perspectiva que eu divulgo e defendo, sobretudo para meus alunos e alunas: a experiência de ser historiadora

não precisa ficar restrita ao ensino, seja o ensino escolar, seja o ensino universitário, ou à pesquisa acadêmica. É possível ter rigor acadêmico/crítico e fazer um bom uso da história em outros veículos, em outros canais, usando outras linguagens e, de alguma maneira, é o que eu tento fazer tanto no Projeto Querino quanto na DW Brasil.

Na sua opinião, qual a importância das discussões sobre diversidade e a questão racial como temas transversais nas pesquisas e textos acadêmicos?

Para mim, não existe nenhum tipo de debate acadêmico sério que não leve em consideração as questões raciais. É simples assim. Durante muito tempo, a questão racial ficou circunscrita a nichos específicos de debates entendidos como mais amplos na história política e na história cultural. Mas o que eu acho que nós estamos vivendo nos últimos anos é a urgência em fazer aquilo que a proposta antirracista traz, que é mudar o método. E isso é decorrência da atuação dos movimentos negros brasileiros e também de muitos intelectuais negros ao longo da história.

A luta antirracista exige uma mudança de método, uma implosão de uma maneira de pensar e a criação de uma nova.

Então, a questão racial não é um conteúdo a ser trabalhado, ela é uma forma de estar enxergando a sociedade. É essa transformação que precisa ser feita. Obviamente, nós temos que ampliar repertórios, trazer referências negras nas mais variadas áreas; porque isso é fundamental, elas existem e existem há bastante tempo e foram silenciadas por conta do racismo.

Mas a luta antirracista exige uma mudança de método, uma implosão de uma maneira de pensar e a criação de uma nova. É nisso que eu acredito e tento praticar, tanto como professora, como pesquisadora ou como historiadora pública.

Como o mercado editorial, sobretudo o vinculado ao contexto universitário de nosso país, pode atuar para expandir a circulação de vozes negras e do pensamento afrodiaspórico?

Acredito que o mercado editorial, como qualquer mercado, é pautado por decisões políticas. Então, há de se tomar a decisão política de fazer com que vozes negras, das mais variadas vertentes do pensamento afrodiaspórico, cheguem para o público brasileiro. A gente está vivendo isso nos últimos anos, sobretudo nos últimos cinco, seis anos, com um boom das publicações de intelectuais negros, de pensadores negros, não só brasileiros... Tem muitos livros de pensadores negros estadunidenses, caribenhos, africanos que estão sendo publicados no Brasil. São obras que não são recentes, às vezes com uma defasagem de vinte, trinta anos. Contudo, isso indica não só uma tomada de posição das editoras, como também a existência de um público leitor dessas obras. E eu espero que isso se amplie.

Além disso, esse boom está vinculado, em grande medida, com a política das cotas raciais. A gente tem criado, dentro das universidades brasileiras, um grupo de estudantes que está reivindicando novos marcadores teóricos e isso foi bem lido pelo mercado editorial, embora ainda haja muito a ser feito. De fato, eu penso na minha experiência como aluna de uma universidade pública e na minha experiência como professora de universidade pública: talvez uma das maiores diferenças é o fato de que, hoje em dia, existem muito mais livros publicados sobre intelectuais, ativistas e pensadores negros

do que há vinte anos atrás, quando eu me formei como historiadora na USP.

Há de se tomar a decisão política de fazer com que vozes negras, das mais variadas vertentes do pensamento afrodiaspórico, cheguem para o público brasileiro.

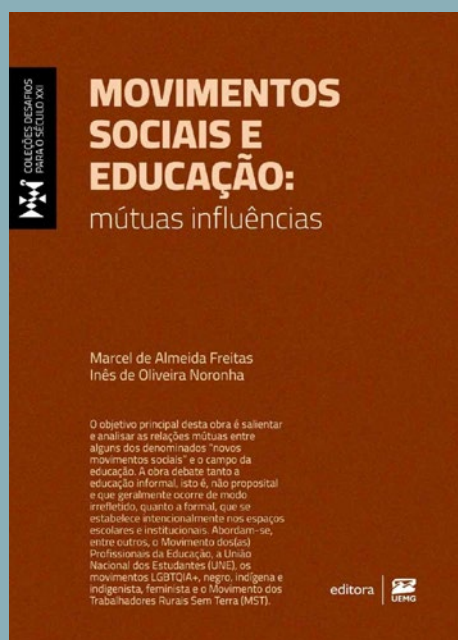
Portanto, essa é uma decisão política, que está vinculada a um mercado efetivo, mas eu acho que as editoras universitárias estão menos afeitas às lógicas do mercado e elas podem, sim, tomar decisões políticas mais fortemente marcadas. Espero que isso aconteça de maneira mais energética nos próximos anos, porque nós vamos precisar ter uma aderência maior da academia às questões raciais. E acredito que as editoras universitárias terão um papel fundamental na medida em que elas podem não só continuar esse movimento de publicar pensadores internacionais e recuperar pensadores brasileiros, mas também criar mecanismos de fomento para as pesquisas que estão sendo feitas pelos pesquisadores frutos das cotas raciais, pesquisadores negros e indígenas que estão produzindo coisas muito interessantes.

Por fim, para pesquisadores que investigam o racismo e suas implicações para a formação da sociedade brasileira, quais autores e obras a senhora considera indispensáveis? E do catálogo da Editora UEMG?

Há alguns trabalhos que eu considero fundamentais de serem lidos. São muitos, mas vou tentar escolher alguns. Um trabalho que, para mim, foi muito importante, a leitura foi muito esclarecedora de uma série

de aspectos, é o livro *O contrato racial*, de Charles Mills, publicado recentemente pela Zahar. Também há o livro da Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano*, organizado pela Márcia Lima e pela professora Flávia Rios. O livro da Beatriz Nascimento, *Uma história escrita por mãos negras*. Acho que o meu livro, *Racismo brasileiro*, é uma obra importante, que faz um sobrevoo sobre a história do Brasil na questão racial. O último livro da Sueli Carneiro, *Dispositivo de racialidade*, que é fruto da tese de doutorado dela, também considero muito importante. A editora Dandara tem republicado os livros do Clóvis Moura, um autor brasileiro fundamental, que, embora agora não seja mais tão pouco lido, ainda não alçou o lugar que deveria ter no pensamento social brasileiro. A Editora Vozes acaba de lançar o livro *10 lições sobre Guerreiro Ramos*, escrito pelo sociólogo João Marcelo Maia, também

uma obra importante. É importante citar ainda as autoras bell hooks e Angela Davis. Também acho fundamentais os trabalhos da Saidiya Hartman, com dois livros dela já traduzidos para o Brasil. Outros autores do afropessimismo também têm sido traduzidos. A Dionne Brand é uma outra autora estadunidense importante. Os trabalhos de Franz Fanon, que são clássicos, devem ser lidos. Na historiografia brasileira, temos inúmeros historiadores e pesquisadores negros com trabalhos excelentes, cito aqui Luciana Brito, Wlamyra Albuquerque, Flávio Gomes e Álvaro Nascimento. Da Editora UEMG, eu destaco o livro *Movimentos sociais e educação: mútuas influências*, que tem uma abordagem sobre a questão, dentre outras, do movimento negro. Também indico o livro *Mulheres, crianças e negritudes: ensino, pesquisa e extensão*, que fala sobre as intersecções entre racismo e gênero no universo escolar. ●



Movimentos sociais e educação: mútuas influências
Marcel de Almeida Freitas
e Inês de Oliveira Noronha (organizadores)
(Editora UEMG, 2023)



Mulheres, crianças e negritudes: ensino, pesquisa e extensão
Érika Amorim Tannus Cheim
e Jairo Barduni Filho (organizadores)
(Editora UEMG, 2019)

Outras recomendações

Para você que se interessa pelo debate sobre questões étnico-raciais, além das recomendações indicadas na entrevista com a professora Ynaê Lopes, sugerimos a leitura de outras obras do catálogo da Editora UEMG que também se relacionam ao tema e estão disponíveis para acesso e *download* gratuito.



O que isso tem a ver com música? Três estudos sobre racismo, colonialidade e branquitude
Eduardo Pires Rosse (organizador)
(Editora UEMG, 2025)

Dividida em três capítulos, a obra *O que isso tem a ver com música? Três estudos sobre racismo, colonialidade e branquitude*, organizada por Eduardo Pires Rosse, aborda as interseções entre o colonialismo, o racismo estrutural e a formação da tradição musical no Brasil, analisando como essas questões operam na historiografia musical brasileira, na hegemonia da música erudita europeia e na apropriação cultural de gêneros musicais de matriz africana. Através de estudos críticos sobre a produção intelectual do musicólogo Renato Almeida, a tradição da música de concerto no Brasil e as

performances da branquitude por cantoras do axé, a obra propõe uma reflexão acerca da realidade da exclusão racial no campo musical. Dessa maneira, o livro contribui para os debates sobre apagamento cultural no campo da música e descolonização nas artes no contexto da América Latina, oferecendo uma perspectiva crítica sobre como o colonialismo e o racismo moldaram – e ainda moldam – as estruturas musicais do nosso país. Acesse em: bit.ly/o-que-isso-tem-a-ver-com-musica.



Cenários musicais em Triste fim de Policarpo Quaresma: um estudo sobre a produção musical no Rio de Janeiro do final do século XIX
Robert Moura
(Editora UEMG, 2024)

No livro *Cenários musicais em Triste fim de Policarpo Quaresma: um estudo sobre a produção musical no Rio de Janeiro do final do século XIX*, a partir da análise do célebre romance de Lima Barreto e de uma extensa pesquisa documental, o autor da obra, Robert Moura, reconstitui o panorama musical da cidade do Rio de Janeiro entre 1891 e 1894, respondendo a perguntas como “quais tipos de música se ouviam na cidade nessa época?” e “quem eram

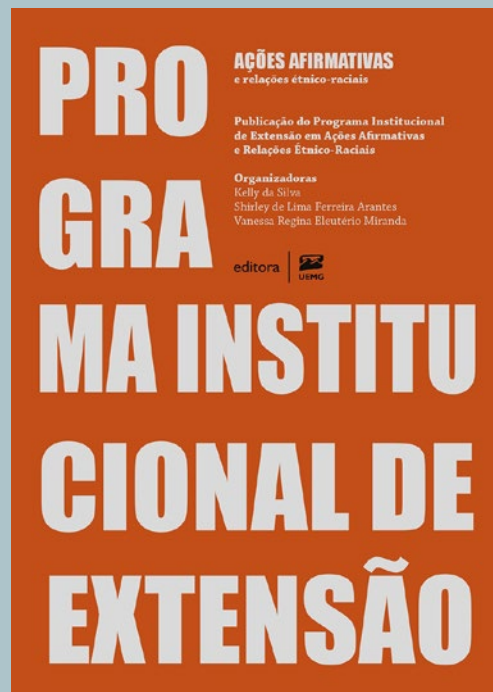
os músicos e onde atuavam?”. Para tal, o livro, dividido em três capítulos, epílogo e apêndice, aborda, entre outras questões, a vida, a obra e o tempo de Lima Barreto, os gêneros musicais mais populares, os ambientes de prática musical e os perfis dos músicos mais conhecidos na época. Com isso, é feita a confrontação dessas cenas da cidade narradas por Lima Barreto com os músicos, os estilos e as técnicas musicais identificados na investigação documental empreendida por Moura. Acesse em: bit.ly/cenarios_musicais.



Educação e relações étnico-raciais: desafios, limites e possibilidades
Santuza Amorim da Silva
e Vanda Lúcia Praxedes (organizadoras)
(Editora UEMG, 2017)

A obra *Educação e relações étnico-raciais: desafios, limites e possibilidades* aborda as discussões que refletem sobre a problemática concernente ao campo da educação e das relações étnico-raciais em diferentes segmentos do ensino no Brasil, expondo os desafios enfrentados por educadores para

para a promoção de uma educação antirracista, as limitações institucionais e as possibilidades de transformação curricular e pedagógica a fim de enfrentar o racismo estrutural no sistema educacional. Acesse em: bit.ly/educacao-e-relacoes-etnico-racias.



Ações afirmativas e relações étnico-raciais
Kelly da Silva, Shirley de Lima Ferreira Arantes
e Vanessa Regina Eleutério Miranda (organizadoras)
(Editora UEMG, 2017)

Ações afirmativas e relações étnico-raciais é uma obra composta de trabalhos que retratam vivências desenvolvidas no âmbito da extensão na Universidade do Estado de Minas Gerais. O livro está estruturado em sete capítulos, que abordam diferentes aspectos das ações afirmativas e das relações étnico-raciais, com destaque para o papel da extensão universitária como um espaço político e transformador. Temas como a decolonização da Universidade, os impactos das cotas raciais e a inclusão de mulheres negras na produção científica, entre outros, são tratados nessa coletânea. Acesse em: bit.ly/acoes-afirmativas.

Quando escrever vira um fardo – e como desembaraçá-lo: resenha do livro *O mal-estar na escrita acadêmica*, de Robson Cruz

Por Evandro Oliveira Reis Júnior



Por ser uma prática que externaliza/materializa o pensamento, a escrita é uma habilidade complexa. Quando escrevemos, marcamos nossa passagem em um percurso histórico, podendo até ultrapassar as barreiras do tempo. No livro *O mal-estar na escrita acadêmica* (Parábola Editorial, 2024), o autor Robson Cruz nos apresenta uma reflexão aprofundada sobre o ato de escrever na academia. A partir de seu diálogo, notamos que o mal-estar na escrita acadêmica vai além de uma perspectiva individualista: “tem origem em práticas sociais, econômicas e educacionais específicas” (Cruz, 2024, p. 40).

A obra é dividida em algumas partes, destaco três delas: “O romantismo como ideologia da

escrita”, “O realismo como ideologia da escrita”, e “O bovarismo na escrita acadêmica”, cada uma apresentando uma perspectiva histórica sobre o modo como a escrita se desenvolveu ao longo do tempo, como ela se refrata nos dias atuais e na maneira como se produz a escrita acadêmica.

Na perspectiva do romantismo, algumas reflexões do autor me chamaram a atenção: a questão da idealização da escrita, o sofrimento ao escrever e o ideal de isolamento derivados desse período.

No aspecto romântico, o ideal de escrita parte de um talento natural ou espontaneidade que cerca o autor: ou se tem, ou não se tem.

Nesse momento, observava-se que o ato de escrever geralmente partia de alguém dotado de “sensibilidade” apurada, e esta prática era retirada de questões sociais ou coletivas, quando se idealizava “escrever bem”. Quem buscasse qualquer tipo de “instrução” ou “intervenção externa” teria o valor artístico-literário inferiorizado.

Ao pensar em “sofrimento” da escrita, vieram-me à mente os seguintes versos de Manuel Bandeira (2013, p. 22): *“Eu faço versos como quem chora / De desalento... de desencanto... / Fecha o meu livro, se por agora / Não tens motivo nenhum de pranto”*. Para os ideais românticos, a moralidade do escrevente estaria nesse sofrer, e os caminhos aflitivos de desprazer ou desolação mental/psicológica eram algo ético para o autor que quisesse ter o domínio da escrita e do fazer literário.

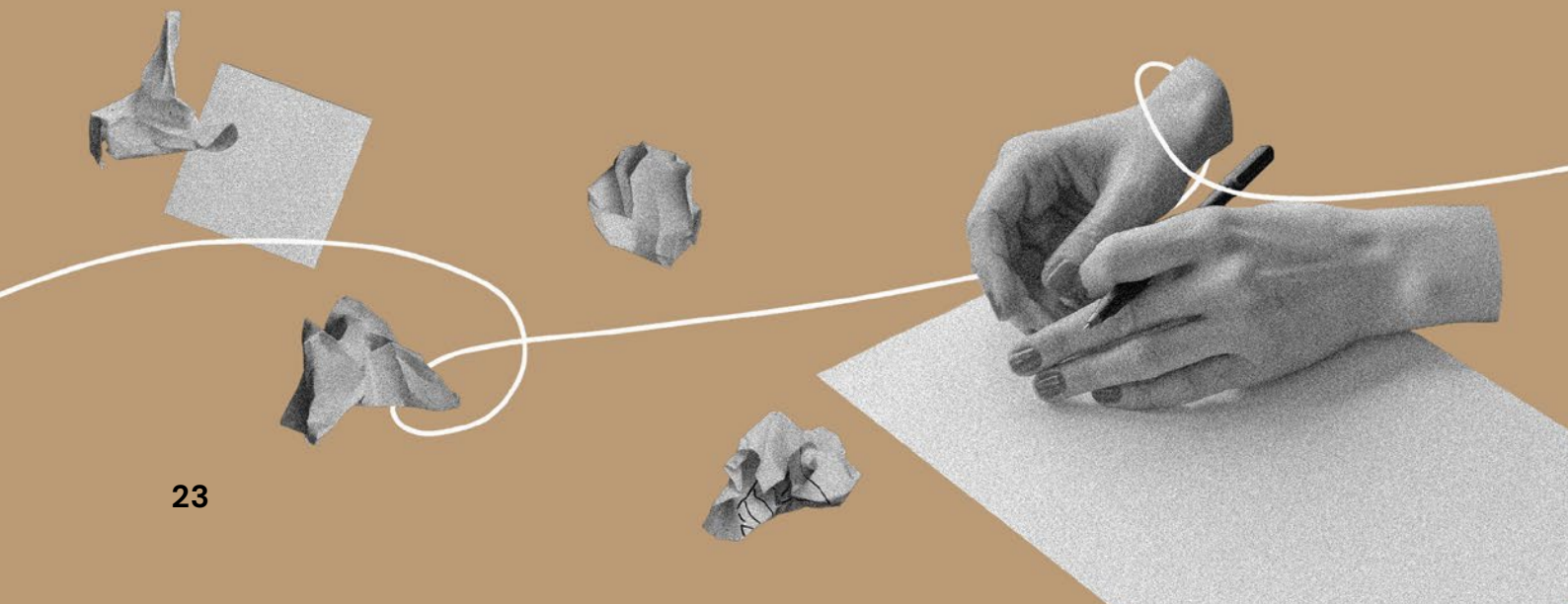
Os caminhos aflitivos de desprazer ou desolação mental/psicológica eram algo ético para o autor que quisesse ter o domínio da escrita e do fazer literário.

Outra questão que me chamou a atenção no percurso da leitura, também sendo uma derivação do ideal romântico, é a perspectiva do isolamento pelo qual o escriba precisaria passar

para desenvolver suas obras: “a solidão como guia moral de conduta indispensável para a legítima criação literária” (Cruz, 2024, p. 25). Nessa ocasião lembrei das minhas próprias produções acadêmicas, em que os extensos momentos de isolamento social e de concentração para a produção tornaram-se rotineiros.

Desse ponto de vista, a escrita se traduz como uma ação vinda única e exclusivamente do seu autor e qualquer motivação/interferência externa, ou até mesmo a ação de planejamento textual, era antiética, pois a escrita deveria ser inata e individual. Outro ponto importante era a reescrita: as primeiras impressões do autor eram genuínas, não continham falhas, por isso a desnecessidade de edição. Esse aspecto, para os dias atuais, tornou-se falho, visto que a possibilidade da reescrita é fundamental para que possamos entender os processos ou percursos de compreensão de uma produção textual, principalmente na academia.

Já na perspectiva realista do ato de escrever, percebemos que a escrita passa a ser uma expressão de contínuo “labor”. Ao trabalhar um texto, o autor é levado a fazer composições que exigem esforço e trabalho para apresentar uma precisa e calculada realidade. É interessante pensar em como, atualmente, isso se reflete em nossa escrita acadêmica, pois um texto acadêmico ideal é aquele com a gramática impecável, com coesão e coerência precisas, com argumentos e ideias convergindo para o efeito de sentido objetivado, e o que está fora disso é sinal de falha e fracasso.



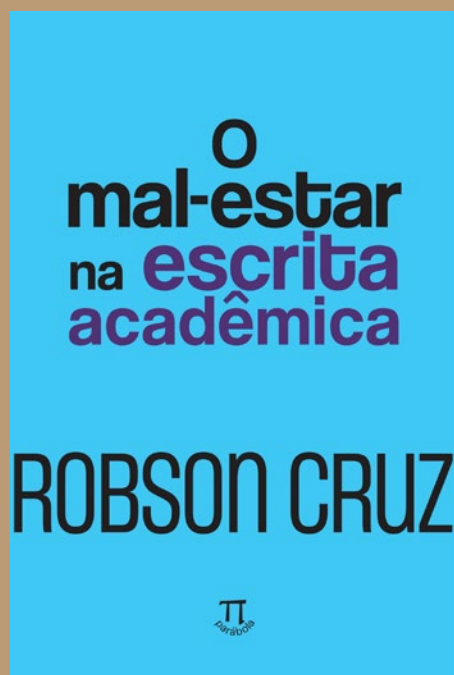


Na leitura da obra, tive outro vislumbre bem pessoal, na medida em que, em algum momento das minhas aventuras na graduação, fui direcionado para a escrita de trabalhos científicos em terceira pessoa, que busca a impessoalidade no trabalho, mesmo entendendo e até “querendo” optar pela possibilidade da escrita em primeira pessoa (me colocando como sujeito da pesquisa). Após a experiência, descobri a valoração da impessoalidade para uma pesquisa acadêmica/científica. Apesar disso, consegui realizar o “sonho” de escrever algo em primeira pessoa, na segunda graduação, em meu trabalho de conclusão de curso.

Dessa ideia realista emergiram “fantasmas” que assolam a escrita até hoje (destacados por Cruz): a maneira como se escreve é única, e quem se distancia desse caminho ideal acaba sofrendo as consequências; a escrita é uma linguagem pautada nas regras, e fora delas há movimentações para a falha, insucesso; por fim, a escrita não é algo que pode ser construído coletivamente, mas prioriza o individual. Inclusive, ao escrever este texto, mesmo que por pouco tempo, senti o peso do olhar realista sobre minhas costas, uma vez que as palavras que estou escrevendo precisam ser as mais adequadas possíveis.

A estrutura da escrita acadêmica ideal é pautada por esses países dominantes e não pela realidade brasileira.

Por fim, em relação ao bovarismo, esse é um termo que surge no século XIX, para se referir às classes sociais baixas na França, que buscavam parecer, de qualquer forma, com a elite de sua época. Trazendo esses aspectos práticos para a escrita, o autor entende que as universidades brasileiras, atualmente, espelham-se para escrever a partir de outras realidades, de países considerados como mais desenvolvidos, e a estrutura da escrita acadêmica ideal é pautada por esses países dominantes e não pela realidade brasileira. Ou seja, há uma busca incessante por uma realidade de escrita que não é a nossa, mas a tentativa de parecer com outras localidades e suas culturas. Essa perspectiva se torna ainda mais cruel quando chega na nossa realidade educacional, que, sabemos, está longe de ser adequada para o desenvolvimento de uma produção eficaz de textos.



O mal-estar na escrita acadêmica
Robson Cruz
(Parábola Editorial, 2024)

Daí entendemos que o mal-estar na escrita acadêmica emerge de diferentes aspectos (delineados pelo autor): o econômico, o psicológico, o educacional e o social. Econômico porque como produto exige uma alta performance de seu produtor, principalmente se o desejo é o destaque. Psicológico quando se tem uma demanda para cumprir, exigências impostas e até a “pressão social” para essa alta performance, que faz com que qualquer um duvide de seu próprio conhecimento. Educacional na medida

em que a academia vive para espelhar-se em uma cultura escrita que não é nossa realidade, mas a de outros países dominantes, e exige do aluno essa realidade. E social quando o próprio sistema não garante aos indivíduos uma educação minimamente segura em relação à escrita.

Pensar nessas questões que envolvem a escrita na academia é essencial para entendermos como ela acontece atualmente, e a história pode nos revelar esses aspectos. Por isso, quando você estiver escrevendo e se sentir desconfortável, lembre-se de que não é uma questão somente sua, mas de um coletivo. E, para entender melhor, concluo sugerindo fortemente a leitura da obra de Robson Cruz.

Sobre o autor:

Evandro Oliveira Reis Júnior é mestre em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), graduado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Ufam, graduado no Curso Superior de Tecnologia em Produção Publicitária pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam) e especialista em Linguística pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte). Também é gerenciador exclusivo da página virtual “Diário de um Estudante de Letras” (Instagram, Facebook, TikTok), na qual, desde 2013, desenvolve um conteúdo criativo relacionado ao curso de Letras.





5 obras para te ajudar a transformar sua dissertação ou tese em livro acadêmico

Pensando nas discussões sobre a escrita acadêmica apresentadas até aqui, nesta seção indicamos 5 obras que podem ser de grande valia para pesquisadores e editores que lidam com o processo de transformar dissertações ou teses em livros.

Da tese ao livro – Guia para autores e editores

Sylvia Nogueira* e Jorge Warley**
(Editora UnB, 2016, 196 p.)

Em *Da tese ao livro – Guia para autores e editores*, Sylvia Nogueira e Jorge Warley se dirigem aos profissionais de edição que têm interesse na produção de livros não ficcionais, oferecendo uma ferramenta para a reformulação de uma tese visando transformá-la em um livro atrativo para públicos mais amplos.



***Sylvia Nogueira** é professora de Espanhol e Literatura, especialista em Latim (INSP Joaquín V. González), mestra em Análise do Discurso (UBA) e coordenadora de oficinas de Semiologia (CBC).

****Jorge Warley** é professor universitário especializado em semiologia e teoria literária, área em que atua na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad de Buenos Aires e na Faculdade de Ciências Humanas da Universidad Nacional de La Pampa.



De tesis a libro – Guia para la escritura de libros academicos

William Germano*

(Editorial Utadeo, 2024, 282 p.)

William Germano, em *De tesis a libro – Guia para la escritura de libros academicos*, oferece dicas essenciais para que pesquisadores produzam livros para um público ampliado. Explorando o processo editorial e detalhes do pensamento de editores acadêmicos, a obra traz *insights* importantes para que os achados de pesquisas, quando transformados em livros, sejam apresentados de forma clara e inteligível, não importando se os leitores são ou não especialistas nos temas tratados.

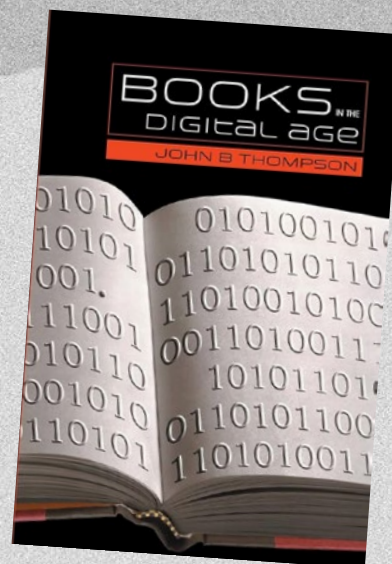
***William Germano** foi editor-chefe da Columbia University Press, vice-presidente e diretor de publicação da Routledge e reitor da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Cooper Union for the Advancement of Science and Art, onde agora é professor de literatura inglesa.

Books in the Digital Age

John B. Thompson*

(Polity Press, 2005, 480 p.)

John B. Thompson se concentra na publicação acadêmica e de ensino superior e analisa a evolução desses setores de 1980 até o início dos anos 2000, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Ele também mostra como a revolução digital teve, e continua a ter, um impacto profundo no mercado de publicação de livros.



***John B. Thompson** é sociólogo e professor emérito da Universidade de Cambridge. Seu objeto de estudo é a influência da mídia e da ideologia na formação das sociedades modernas.



A comunicação científica

A. J. Meadows*

(Briquet de Lemos Livros, 1999, 248 p.)

Em *A comunicação científica*, A. J. Meadows explora como as tecnologias afetam as condutas de pesquisa, levando a uma discussão sobre essas práticas em disciplinas acadêmicas e a uma investigação dos preconceitos e intenções dos profissionais. O livro também analisa de perto a eficiência das estratégias de publicação e a sua eficácia em atingir o público-alvo dos pesquisadores.

***A. J. Meadows** foi um astrônomo e cientista da informação britânico. Conhecido por fundar o departamento de astronomia da Universidade de Leicester.

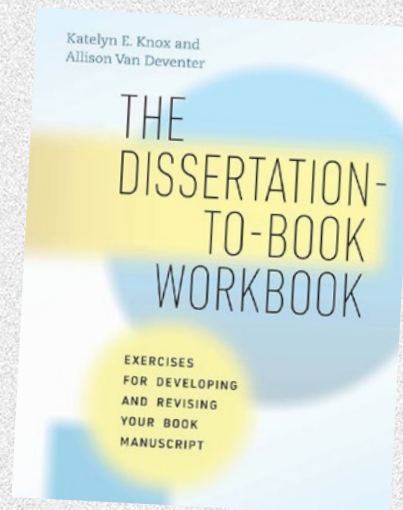
The Dissertation-to-Book Workbook:

Exercises for Developing and

Revising Your Book Manuscript

Katelyn E. Knox* e Allison Van Deventer**
(The University of Chicago Press, 2023, 240 p.)

The Dissertation-to-Book Workbook utiliza exercícios para ajudar o autor a desenvolver as principais prioridades do seu livro, identificando o princípio organizador, avaliando suas evidências, entre outros aspectos. Usando o que os autores chamam de “perguntas do livro e respostas do capítulo”, o leitor descobrirá como encadear as principais ideias da sua pesquisa para construir uma interessante obra ser publicada.



***Katelyn E. Knox** é professora associada de francês na Louisiana State University, especializou-se em literatura, música e cultura francesa e francófona dos séculos XX e XXI.

****Allison Van Deventer** é doutora em literatura comparada pela University of California, Los Angeles (UCLA) e bacharel em inglês e francês pela Stanford University. A autora já lecionou redação, história e literatura e francês em Harvard, em Tufts e na University of Massachusetts.



Estação Editora UEMG no Saber em Movimento

O *podcast* Saber em Movimento é uma iniciativa da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), produzido pela Assessoria de Comunicação da Reitoria. O programa apresenta pesquisas desenvolvidas por docentes e discentes da instituição, sempre com uma linguagem acessível e democrática. O *podcast* foi lançado em julho de 2023 e explora diversas áreas do conhecimento, trazendo convidados especiais para discutirem um novo tema a cada episódio.

A partir da segunda temporada, que foi ao ar entre julho de 2024 e março de 2025, a Editora UEMG passou a integrar a produção com o bloco "Estação Editora UEMG", trazendo sugestões de livros do catálogo da Editora que dialogam com o tema abordado. Desde então, a EduEMG já

participou de quatro episódios: "Dinossauros em Ituiutaba", com a indicação de *Diferentes olhares sobre a biologia da conservação*; "Ensino de biologia no novo ensino médio", em que o livro recomendado foi *Nilza Vieira: uma professora de Ciências inesquecível*; "Corpo, música e movimento", com a indicação da obra *Música, transversalidade – Série Diálogos com o Som – VOL. 4*; e "Ainda estamos aqui: petroleiros vítimas da ditadura", no qual recomendamos *Direitos Humanos e Capital: desafios e desenvolvimento diante das crises da contemporaneidade*.

Os episódios estão disponíveis no Spotify, Deezer, Amazon Music e Apple Podcasts. Você pode acessá-los através do link: uemg.br/noticias-1/16508-podcast-saber-em-movimento.

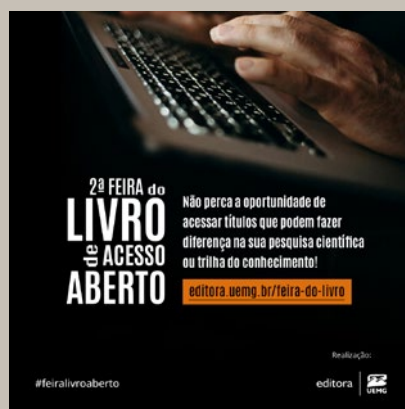


A Feira do livro de acesso aberto segue construindo pontes

Após o sucesso da primeira edição, a Feira do livro de acesso aberto de 2024 contou com ainda mais editoras parceiras e obras disponibilizadas.



Peças de divulgação da 2ª Feira do livro de acesso aberto
Acervo EduEMG



Hotsite da 2ª Feira do livro de acesso aberto
Acervo EduEMG

Motivada pelo desafio de usar as tecnologias digitais para a democratização do conhecimento produzido nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa, a Editora UEMG promoveu a segunda Feira do livro de acesso aberto, uma feira de livros digitais disponíveis para acesso e download gratuito.

O evento foi realizado entre os dias 21 de outubro e 8 de novembro de 2024, por meio de um *hotsite* exclusivamente dedicado à Feira,

contando com 47 editoras universitárias e científicas de todas as regiões do país e com a disponibilização de mais de 900 títulos de acesso aberto.

Através do site da Feira, os leitores tiveram a oportunidade de acessar livros de diversas áreas do conhecimento e conhecer o catálogo de cada uma das editoras participantes. Nos 19 dias de evento, foram, ao todo, mais de 43 mil cliques nos livros.

Para isso, contamos com o apoio de importantes veículos de imprensa voltados ao mercado editorial, como o *PublishNews* e o *Boletim Tatuí*, além da divulgação feita pelas editoras participantes em seus próprios sites e redes sociais.

Como parte da divulgação, também foram publicadas no [blog da Editora UEMG](#) entrevistas com representantes das editoras que participaram da Feira. Esses profissionais foram convidados a destacar livros dos catálogos das suas editoras e a compartilhar a sua visão sobre o acesso aberto e a importância de eventos voltados a esse tipo de publicação.

Nas palavras de Sofia Maria Rosa Franco, coordenadora comercial da Editora da Universidade de Brasília, a expectativa é seguir expandindo as possibilidades do formato digital.

O acesso aberto possibilita uma distribuição do conhecimento em uma escala muito ampla, de forma que a Editora UnB, parte de uma universidade pública, possa cumprir com seu dever de promover a produção científica e cultural da Universidade. Para isso, a Editora UnB tem se dedicado nos últimos anos a ampliar seu catálogo digital em acesso aberto por meio de editais específicos para produção de obras em tal formato e da recuperação de títulos antigos. Assim, seu acervo fornece um arquivo da produção anterior, enquanto apresenta estudos recentes e atualizados de diferentes áreas do saber.

Em relação à Feira do livro de acesso aberto, Julio da Silveira Moreira, coordenador da Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), enxerga a iniciativa como um catalisador para o alcance das produções acadêmicas.

A Feira do livro de acesso aberto é fundamental para promover a circulação de conhecimento de maneira democrática e inclusiva. Eventos como esse possibilitam que editoras, autores e leitores compartilhem e descubram obras sem as barreiras tradicionais impostas pelo mercado editorial. Para a EdUnila, a Feira é uma oportunidade de ampliar ainda mais o alcance de nossas publicações, reforçando nosso compromisso com a integração e o fortalecimento da cultura e do conhecimento na América Latina.

Assim, a Feira do livro de acesso aberto vem se consolidando como uma importante iniciativa para as editoras universitárias e científicas que atuam nesse segmento de publicações acadêmicas. Dessa forma, o evento vem contribuindo diretamente para o amplo compartilhamento e divulgação dos resultados de pesquisas realizadas nas instituições brasileiras e para que o trabalho das editoras universitárias chegue ao conhecimento de mais pesquisadores, estudantes e público em geral.

Esperamos que a Feira estreite os laços entre as editoras universitárias, fomentando uma dinâmica de troca de experiências e intercâmbio de informações, não só desejável, mas necessária para o fortalecimento da produção científica de acesso aberto.



Editora UEMG

Rodovia Papa João Paulo II, 4143. Ed. Minas,
8º andar, Cidade Administrativa, bairro Serra
Verde, BH-MG, CEP: 31630-900.

 editora.uemg.br

 [EditoraUEMG](#)

 [Editora UEMG](#)

 editora@uemg.br

 [editora_uemg](#)

 [EditoraUemg](#)

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



editora | **UEMG**

Apoio:

